

Hibridismo cultural e ritos funerários no Egito greco-romano

Cultural hybridity and mortuary rites in the Greco-Roman Egypt

LOBIANCO, L. E. *Funerais miscigenados: egípcios gregos romanos*.
Curitiba: Appris, 2024.

Jéssica Ladeira Santana*

Recebido em: 07/03/2025
Aprovado em: 28/04/2025

Aobra *Funerais miscigenados: egípcios gregos romanos*, de autoria de Luís Eduardo Lobianco (2024),¹ investiga a presença da miscigenação cultural no Egito romano por meio de imagens mortuárias provenientes do Delta ou do Vale do Nilo. O objetivo do livro é verificar o grau de miscigenação entre as tradições egípcia, grega e romana. Para isso, Lobianco (2024, p. 14) selecionou e analisou dezoito iconografias funerárias, sendo: “[...] a) quatro sarcófagos com os retratos dos mortos; b) quatro máscaras mortuárias; c) duas mortalhas; d) sete estelas funerárias; e) um alto-relevo de uma catacumba de Alexandria”. A partir desse *corpus*, o autor busca comprovar se houve uma miscigenação entre as culturas já mencionadas durante o Egito romano.

Na introdução, Lobianco (2024) expõe o tema, objeto e as fontes. Além disso, identifica autores que discutiram as iconografias funerárias sem, no entanto, exibi-las aos leitores, a exemplo de Bernard Legras (2011). Há aqueles que apresentam as imagens mortuárias, mas não explicam o método usado, como Susan Walker e Morris Bierbrier (1997), Jean-Yves Empereur (1998), Judith Corbelli (2006), Christina Riggs (2008), Aubert *et al* (2008) e Fanny Firon (2020). Diante desse cenário, Lobianco (2024) propõe, em sua obra, combinar a apresentação das imagens funerárias com quadros de leitura e análise.

* Mestra em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGHIS/Ufes), sob orientação do Prof. Dr. Belchior Monteiro Lima Neto. Graduada em História pela mesma instituição. Membro do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano (Leir/ES).

¹ Luís Eduardo Lobianco é professor do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. É doutor, mestre e graduado em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

A obra resenhada é dividida em oito capítulos. No primeiro, intitulado “A cultura do Egito Romano: romanização, helenismo, egipcianização, hibridismo cultural e multiculturalismo”, o foco recai sobre os conceitos fundamentais da pesquisa. Lobianco (2024, p. 21) comprehende a romanização como um caminho de mão dupla, no qual a cultura romana era levada às províncias, ao mesmo tempo que as culturas dos territórios dominados chegavam a Roma. Ele emprega o termo helenização conforme Legras (2011), que o entende como o “comportar-se como grego” ou “adotar os costumes gregos”. Já a egipcianização é percebida como a preservação da cultura faraônica dentro e fora do Egito, durante os períodos ptolomaico e romano (Lobianco, 2024, p. 22). Além disso, o autor utiliza o aporte teórico de Peter Burke (2006) para compreender o contato intercultural por meio do conceito de empréstimo cultural. Assim, Lobianco (2024) busca entender o multiculturalismo no Egito romano, onde houve uma intensa interação entre as tradições egípcia, grega e romana, o que é exibido nas iconografias funerárias.

No capítulo seguinte, “O poder e a sociedade do Egito romano: etnias e identidades”, o autor discute a estrutura política e social do Egito romano, destacando as principais etnias desse contexto: a egípcia, a grega, a romana e a judaica. A administração foi definida por Augusto, o que conferiu ao Egito um *status singular*. O posto mais alto, logo abaixo do *princeps*, era o de prefeito, reservado aos membros da ordem equestre, e os demais cargos de alto escalão eram destinados a cidadãos romanos. No que tange à sociedade, estava dividida em grupos. No topo, encontravam-se os cidadãos romanos, moradores de Alexandria, Ptolemaida, Naucratis e Antinoópolis. Os gregos, que viviam nas quatro *póleis*, possuíam vantagens fiscais, ao contrário daqueles que habitavam a *chora*, onde os benefícios eram menores. Os egípcios, referidos na obra resenhada como indígenas (locais), eram os descendentes diretos da população faraônica. Ademais, o autor ressalta a importância do Fayum, onde foi encontrada grande parte das imagens funerárias. A sua população era composta por 30% de gregos, sendo este um espaço com forte herança da Hélade.

Do contexto histórico, Lobianco (2024) parte para mais três conceitos: etnicidade, etnia e identidade. Com base em Riggs (2008, p. 18-23), explica que, para os romanos, todos os moradores do Egito que não fossem cidadãos romanos ou das quatro *póleis* eram egípcios. Sobre etnia, Lobianco (2024, p. 37) destaca que os romanos classificaram a maior parte da população do Vale do Nilo como egípcios, diferentemente dos Ptolomeus, que criaram uma dicotomia entre gregos e egípcios baseada no idioma e na ancestralidade. Quanto à identidade, seguindo Gilberto Velho (1994, p. 97-101), concebe dois níveis distintos: um é de origem do sujeito, fixado acima de tudo na etnia; e o segundo, ligado à

história de cada um. Lobianco (2024, p. 46) conclui que as imagens funerárias demonstram ambas as identidades.

No terceiro capítulo, "Os sarcófagos com o retrato do morto, iniciam-se as análises das fontes, a saber: a *Múmia de uma criança com o retrato sobre linho*; a *Múmia de estuque pintada de Artemídore com um retrato em encáustica sobre madeira, acrescido de uma folha de ouro*; o *Retrato de uma jovem em encáustica sobre madeira*; o *Caixão de múmia antropomórfica pintada*. No que concerne à *Múmia de uma criança* (40-55), proveniente de Hawara, o autor acredita pertencer a um menino romano que adotou a tradição egípcia. Já *Artemídore* (100-120), oriundo de Hawara, era um egípcio que desejou mudar de posição social, pois possuía o nome grego e foi sepultado com um retrato romanizado, em simultâneo, mantendo vários elementos da cultura local para o ritual mortuário. O *retrato de uma jovem* (130-140), provavelmente de Antinoópolis, foi identificado sendo de uma helena devido à saudação em grego. Em relação ao *Caixão de múmia* (50 a.C.-50), originário de Akhmin, por conter barba e bigode, característica romana da época, foi considerado um morto romano, porém egipcianizado pelo seu sarcófago ter influências egípcias. Assim, foram identificados dois romanos, um egípcio e uma grega, com apenas um caso de miscigenação cultural evidente.

No quarto capítulo, "As máscaras mortuárias", Lobianco (2024) analisa máscaras funerárias provenientes de Hawara, no Fayum, sendo a *Máscara dourada de caixa de um jovem chamado Mareis*, com a idade de vinte e um anos; a *Máscara dourada de Titos Flavios Demetrios*; a *Máscara em caixa pintada e dourada de uma mulher chamada Aphrodite, filha de Didas*, na idade de vinte anos, e o *Retrato de uma mulher em caixa pintada e dourada*. A *Máscara dourada de Mareis* (20-40) foi identificada como pertencente a um morto egípcio que resistiu às influências helenas e romanas, mantendo as tradições faraônicas. A segunda, de *Titos Flavios Demetrios* (80-120), o autor supõe — a partir da *tria nomina* — ser de um defunto nascido grego, tornado escravo e, depois de um tempo, já liberto, portador do *status* de cidadão romano. Lobianco (2024, p. 71-73) entende esta máscara como completamente egípcia e sem traços de romanização. Apesar disso, acredita que esta iconografia funerária é uma miscigenação cultural, em que um indivíduo de origem grega adquiriu a cidadania romana e escolheu elementos da tradição egípcia para a máscara funerária. A terceira, de *Aphrodite* (50-70), é considerada grega pelo seu nome, mas em sua máscara apresenta um estilo romanizado e elementos faraônicos, consistindo assim em um caso de miscigenação cultural. A quarta, *Retrato de uma mulher* (40-60), é reconhecida pelo autor como uma morta romana, que poderia ser casada com um alto funcionário romano ou um militar de destaque no Egito, devido às vestimentas e joias. Assim,

Lobianco (2024, p. 80) pressupõe que não há dúvidas de que este artefato seja uma miscigenação cultural, mas sem traços gregos. Em suma, o autor identificou as três identidades compondo estas máscaras de mortos, sendo inquestionável que três apresentam uma miscigenação cultural.

No quinto capítulo, "As mortalhas", são feitas as análises do *Retrato de uma mulher sobre uma mortalha de linho* e do *Retrato de um rapaz com Osíris à esquerda e Anúbis à direita sobre uma mortalha de linho*. O primeiro, *Retrato de uma mulher* (170-200), é de proveniência desconhecida, mas talvez seja de Antinoópolis, e foi considerado pertencente a uma morta romana e abastada, devido à indumentária e às joias utilizadas em sua representação. Lobianco (2024, p. 84) afirma que a defunta romana adotou a tradição faraônica para sua passagem para o Além, evidenciando assim uma miscigenação cultural. Do mesmo modo, o *Retrato de um rapaz* (140-180), provavelmente de Saqqara, foi identificado como romano – por meio dos detalhes da vestimenta –, que adotou elementos egípcios, mediante a tradição funerária, e foi representado em um ambiente grego. Portanto, é uma iconografia que contém a miscigenação entre as três culturas. Deste modo, as duas mortalhas demonstram a adoção da crença egípcia por romanos e representam casos de miscigenação cultural.

Após isso, no sexto capítulo, "As estelas funerárias", Lobianco (2024) se debruça em examinar três destas, provenientes de Abidos, sendo a *Estela funerária inscrita de calcário de Petemin*, a *Estela funerária inscrita de Ploutogenes* e a *Estela funerária de calcário com inscrições em hieróglifos e cenas mostrando o morto conduzido por Anúbis na direção de Osíris*. A primeira, de Petemin (160-240), contém quinze elementos egípcios, incluindo o nome do falecido ligado ao deus Min. Por meio disso, foi identificado como egípcio. No entanto, a inscrição presente é no idioma grego. Lobianco (2024, p. 93) constatou isso como um detalhe para a ascensão ao *status* social que o falecido buscou alcançar. Na segunda, de Ploutogenes (séc. I ao III), há a presença de nome e idioma gregos do morto, dos seus pais e de seu irmão, por isso o autor acredita se tratar de um grego. Além disso, nesta estela há uma cena egípcia, mas sem nenhum atributo romano. Diante disso, é uma imagem funerária de um grego com elementos egípcios, portanto uma miscigenação cultural. A terceira, *Morto conduzido por Anúbis na direção de Osíris* (90-150), é identificada como um romano com influências egípcias, pois apresenta inscrições em hieróglifo e na iconografia explicam partes da psicostasia.² Além disso, como em todas as estelas, há passagens da psicostasia, e seu final é dedicado a isso. Lobianco (2024, p. 102) traz o

² A psicostasia se refere ao julgamento do falecido no pós-morte. Anúbis leva o defunto à sala das Duas Verdades para a pesagem do coração *ib* com a pluma de Maât e define o destino do morto (Lobianco, 2024, p. 100).

exemplo de *Hunefer* (c. 1280 a.C.) para elucidar como é uma psicostasia completa, pois as estelas investigadas do Egito romano só apresentam partes.

Na sequência, o sétimo capítulo, "Outras estelas funerárias", como o próprio título demonstra, aborda mais quatro estelas, sendo a *Estela Funerária de C. Julius Valerius*; a *Estela funerária de calcário inscrita de Trufon – Tryphon com um jovem rezando cercado por chacais*, a *Estela funerária de Faniaj – Phanias* e a *Estela funerária de Apollwnioj – Apollonios*. A primeira, de *C. Julius Valerius* (225-250), de Alexandria, pertence a uma criança cidadã romana, devido à *tria nomina*. Ela possui outros elementos romanos, como também egípcios, e a influência grega está presente só no alto do túmulo. Já *Tryphon* (55-70) é de origem desconhecida, e ali foi identificada uma miscigenação devido à presença de atributos gregos (inscrição e vestimenta), romanos (os cabelos) e egípcios (divindades como Anúbis, Upuat e Osíris). No tocante à etnia, Lobianco (2024, p. 110) afirma que ele seria um grego por causa da origem de seu nome. Na terceira, de *Phanias* (séc. I-III), oriunda de Kom Abu Bilou, também é averiguada uma miscigenação entre as culturas helena e egípcia, pois há elementos de ambas as tradições. Além disso, ele também é considerado grego devido à origem do nome. Por último, em *Apollonios* (séc. I), provavelmente de Abydos, não são reconhecidos traços de romanização, e Lobianco (2024, p. 116) acredita que isso se deva por ser de proveniência de uma região distante de Alexandria. Este defunto foi representado com cabelos, vestimentas e deuses egípcios. Contudo, devido a seu nome ser de origem grega, é considerado pertencente a esta etnia, pelo autor. As quatro estelas são provenientes de diferentes regiões do Egito romano e contêm atributos de pelo menos duas culturas, demonstrando assim a miscigenação cultural existente neste período.

No oitavo capítulo, "Altos relevos das catacumbas de Kom El-Shugafa (Alexandria)", Lobianco investiga as seguintes iconografias: *Anúbis embalsamador* e *Anúbis como legionário romano*. O autor salienta que todos os proprietários destes túmulos eram romanos. A de *Anúbis embalsamador* (séc. I-II), apesar da indumentária romana, é considerada totalmente egípcia e sem miscigenação cultural. Já em *Anúbis como legionário romano* (séc. I-II), constata-se a presença da romanização, pois o deus funerário está vestido conforme um legionário romano. Assim, verificou-se uma miscigenação e um empréstimo cultural, por conterem elementos da tradição romana em um deus egípcio. Portanto, temos aqui duas imagens que compartilham o local, a etnia do morto, a divindade representada e a indumentária romana. Contudo, Lobianco acredita que a miscigenação cultural esteja presente apenas na de *Anúbis como legionário romano*.

Após a análise, o autor conclui que houve uma miscigenação cultural no Egito romano, resultado do encontro das tradições egípcia, grega e romana. Questiona a

razão de gregos e romanos adotarem rituais funerários faraônicos e, citando Dunand (1997, p. 152), explica que, neste período, os que habitavam o vale do Nilo adotaram a crença funerária, preservada da tradição faraônica. Quanto à utilização das culturas grega e romana pelos egípcios, Lobianco (2024, p. 126) acredita ser essa uma estratégia de ascensão social, pois ser identificado como grego ou romano era essencial para se obter *status* elevado.

Concluímos esta resenha considerando que a obra desempenha um papel significativo na historiografia da arte funerária do Egito romano, suprindo os estudos que analisam diversos artefatos em conjunto. Além disso, o livro se destaca como uma contribuição valiosa sobre o tema em língua portuguesa, somando-se a trabalhos como os de Marcia Vasques (2005), Maura Petruski (2023) e Jéssica Santana (2024). Assim, convidamos o leitor interessado na arte e nos rituais funerários a explorar as páginas de *Funerais miscigenados: egípcios gregos romanos*.

Referências

Documentação arqueológica

WALKER, S.; BIERBRIER, M. *Ancient faces: mummy portraits from Roman Egypt*. Londres: British Museum, 1997.

Bibliografia instrumental

BURKE, P. *Hibridismo cultural*. São Leopoldo: Unisinos, 2006.

VELHO, G. *Projeto e metamorfose*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

Obras de apoio

AUBERT, M. F. et al. *Portraits funéraires de l'Égypte romaine: cartonnages, linceuls et bois*. Paris: Kéops, 2008.

CORBELLI, J. L. *The art of death in Graeco-Roman Egypt*. Buckinghamshire: Shire Publications, 2006.

DUNAND, F. *Le matériel funéraire, in Égypte romaine: l'autre Égypte*. Marseille, 1997.

EMPEREUR, J. Y. *Alexandria rediscoverd*. Londres: British Museum Press, 1998.

FIRON, F. *La mort en Égypte romaine: de l'encadrement par le pouvoir romain à la gestion personnelle (de 30 av. J. –C. au début du IV siècle apr. J. –C)*. Milano: Silvana, 2020.

- LEGRAS, B. *L'Egypte grecque et romaine*. Paris: Armand Colin, 2011.
- LOBIANCO, L. E. *Funerais miscigenados: egípcios gregos romanos*. Curitiba: Appris, 2024.
- PETRUSKI, M. R. Ritos funerários egípcios e as máscaras do Fayum: das profundezas da terra para a vida eterna. *Romanitas*, n. 22, p. 275-285, 2023.
- RIGGS, C. *The beautiful burial in Roman Egypt: art, identity, and funerary religion*. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- SANTANA, J. L. Os retratos funerários do Egito romano: a contribuição da cultura material para o estudo da História Antiga. In: SPINASSÉ, A. D. *et al.* (org.). *Anais da XV Semana de História*. Serra: Identidade, 2024, p. 147-163. v. 1.
- VASQUES, M. S. *Crenças funerárias e identidade cultural no Egito romano: máscaras de múmia*. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. v. I.